

A INFLUÊNCIA DAS TEMPORALIDADES URBANAS NOS RITMOS DE TEMPO DOS AGRICULTORES DO MUNICÍPIO DE MARMELEIRO (PR)

LA INFLUENCIA DE LAS TEMPORALIDADES Y TERRITORIALIDADES URBANAS EN LOS RITMOS DE TIEMPO DE LOS AGRICULTORES DEL MUNICIPIO DE MARMELEIRO (PR)

THE INFLUENCE OF URBAN TEMPORALITIES AND TERRITORIALITIES ON RHYTHMS OF TIME OF FARMERS IN THE MUNICIPALITY OF MARMELEIRO (PR)

Luís Carlos Braga

Doutor em Geografia pela UNESP – Presidente Prudente.
Atualmente é professor da rede estadual do Paraná.
l.karlos2009@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, são apresentados resultados de pesquisas realizadas para obtenção do título de Doutor em Geografia. O objetivo principal da pesquisa foi identificar as modificações, e principalmente as permanências na produção agropecuária do município de Marmeireiro - localizado no Sudoeste do Paraná, através da análise das temporalidades. Para isso, identificaram-se os diferentes ritmos de tempo presentes na produção agropecuária, tanto os lentos como os mais rápidos, através do estudo da relação espaço-tempo. Dentre os resultados obtidos através da análise das temporalidades, neste artigo, quer-se destacar a relação dos sujeitos do espaço rural do município de Marmeireiro com o espaço urbano. Para isto, analisou-se a pluriatividade, os espaços periurbanos, o êxodo rural e a intensificação das relações com o espaço urbano provocadas pelas produções agropecuárias.

Palavras-chave: Mecanização. Temporalidades. Rural. Urbano.

Resumen: En este artículo, son presentados resultados de investigaciones llevadas a cabo para obtención del título de Doctor en Geografía. La meta principal de la investigación ha sido identificar los cambios y, principalmente las permanencias en la producción agropecuaria del municipio de *Marmeireiro* - ubicado en el Sudoeste del Paraná, a través del análisis de las temporalidades. Para ello, se han identificado los diferentes ritmos de tiempo presentes en la producción agropecuaria, tanto los lentos como los más rápidos, a través del estudio de la relación espacio-tiempo. Entre los resultados obtenidos a través del análisis de las temporalidades, en este artículo, se pretende destacar la relación de los sujetos del espacio rural del municipio de *Marmeireiro* con el espacio urbano. Para ello, se ha analizado la pluriactividad, los espacios periurbanos, el éxodo rural y la intensificación de las relaciones con el espacio urbano provocadas por las producciones agropecuarias.

Palabras-clave: Mecanización. Temporalidades. Rural. Urbano.

Summary: In this article, results of research carried out to obtain Doctor's degree in Geography are presented. The main objective of the research was to identify the changes, and especially the permanence in agricultural production in the municipality of Marmeleiro - located in the Southwest of Paraná, through the analysis of temporalities. For that, the different rhythms of time present in agricultural production were identified, both slow and the fastest, through the study of the space-time relationship. From among the results obtained through the analysis of temporalities, in this article, we want to highlight the relationship of the individuals from rural area of the municipality of Marmeleiro with the urban space. For this purpose were analyzed plurality, peri-urban area, rural exodus and the intensification of relations with the urban space caused by agricultural production were analyzed.

Keywords:. Mechanization. Temporalities. Rural. Urban.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, demonstra-se os resultados de pesquisas realizadas por meio de uma abordagem territorial histórico-crítica, dando centralidade às temporalidades, ou seja, relaciona-se a mecanização e a integração no mercado ao ritmo temporal dos agricultores. Além da aceleração do ritmo de tempo, também se identificou os tempos mais lentos que permanecem em práticas com o saber-fazer, máquinas, implementos e técnicas consideradas rústicas, reproduzidas de geração em geração. Entende-se que esse tempo mais lento que permanece é resultado da continuidade de uma temporalidade camponesa, derivada da colonização feita na área de estudos.

Para atingir o objetivo supracitado, foram entrevistados 203 agricultores em 12 comunidades rurais, de um total de 40 comunidades existentes no município de Marmeleiro, localizado no Sudoeste do Paraná. As comunidades foram classificadas em 3 grupos: menos mecanizadas, de média mecanização e comunidades mais mecanizadas. Para tanto, utilizou-se como parâmetro o número de tratores e colheitadeiras: menos mecanizadas: 0 colheitadeira e até 3 tratores; média mecanização: 1 a 3 colheitadeiras e 4 a 9 tratores; mais mecanizadas: acima de 4 colheitadeiras e acima de 10 tratores.

O município de Marmeleiro tinha, segundo dados do IBGE (2010), 13.900 habitantes, a população de 2020 é estimada em 14.387. Desse total, 8.824 formavam a população urbana e 5.076 a rural, estes dividiam-se em 1.149, segundos dado do Censo Agropecuário do IBGE de 2017.

No espaço rural, conforme o Censo Agropecuário de 2017, cerca de 70% dos estabelecimentos tem área de terra entre 0,1 e 20 hectares, assim, a produção

agropecuária é baseada em pequenos estabelecimentos com força de trabalho familiar: mais de 80% dos estabelecimentos são considerados familiares.

Para a análise das temporalidades, as principais produções agropecuárias consideradas foram: de fumo, de aves (sistema de integração), de grãos (principalmente soja e milho), de leite e de alimentos para o consumo familiar. Entende-se que a temporalidade é a compreensão da relação entre passado, presente e futuro, ou seja, a síntese do tempo. Ela também é uma processualidade que constitui o presente: “[...] vivemos temporalidades passadas, presentes/coexistentes e futuras” (SAQUET, 2011, p. 79-80). Já por territorialidade, entende-se as relações constituídas no cotidiano, entre os homens e também com a natureza inorgânica, estabelecidas diariamente para sua sobrevivência biológica e social. Elas são momentâneas, mas também desdobram em processos, pois são a base histórica para os processos gerais das escalas maiores. Uma parte dos indivíduos das grandes cidades, por exemplo, estão conectados em redes complexas, velozes e internacionais. Outras pessoas, nas mesmas cidades, têm um ritmo cotidiano cadenciado, vinculado diretamente às suas condições de vida Saquet (2011).

Dentre os resultados obtidos através da complexidade de temporalidades analisadas, neste artigo, quer-se destacar a relação dos sujeitos do espaço rural do município de Marmeleiro com o espaço urbano. O espaço rural é influenciado pelas temporalidades urbanas, mas também este tem suas temporalidades influenciadas pelo rural. Alguns elementos demonstram que essa relação não acontece somente por motivos econômicos, existem outros processos, como a busca dos jovens por uma maior interatividade, o acesso a serviços, consumo e lazer. Para isto, analisamos a pluriatividade, a urbanização dos espaços periurbanos, o êxodo rural e a intensificação das relações com o espaço urbano provocadas pelas produções agropecuárias.

Através da abordagem territorial, pode-se compreender as relações entre os espaços urbano e rural, entender as relações de poder entre os sujeitos e como um influencia no ritmo de tempo do outro. A aceleração do ritmo de tempo dos agricultores é influência da sobreposição dos ritmos de tempos urbanos porque a racionalidade da produção da indústria, das fábricas, a regulação da jornada de trabalho, é uma característica da cidade; além disso, os agricultores precisam ir cada vez mais às cidades para fazerem financiamentos, comprarem máquinas, insumos agrícolas devido à chamada modernização da agricultura, também surge a pluriatividade. No entanto, não

se constitui uma relação de mão única, pois os tempos mais lentos são influência do rural, devido às dificuldades financeiras, às barreiras técnicas, à forma de produção agropecuária, à ligação das pessoas com o espaço rural e também porque o urbano necessita da produção de alimentos. E em regiões como a do Sudoeste do Paraná, essa dependência é ainda maior, conforme se sabe pela importância do PIB agropecuário para a região.

Apesar da intensificação das relações entre os dois espaços, algumas diferenças mantêm-se, como a ocupação dos indivíduos mesmo que, em algumas produções, exista cada vez mais o controle do trabalho. As atividades exercidas pelos agricultores fazem com que eles se diferenciem dos habitantes do espaço urbano.

AS ALTERAÇÕES NAS TEMPORALIDADES DO ESPAÇO RURAL CAUSADAS PELA PLURIAATIVIDADE

Na abordagem territorial, para considerar as mudanças nos ritmos de tempo, leva-se em consideração vários elementos. Na análise da mecanização, destacam-se os aspectos econômicos, as políticas públicas e as condições financeiras dos agricultores. Porém, há outros elementos importantes na produção agropecuária que também influenciam a mudança de ritmo do tempo - como a relação com a natureza, a cultura, o saber fazer - porque o ajustamento cada vez maior do tempo não fica restrito somente à produção, influencia também os hábitos, as necessidades, as ambições.

Os agricultores familiares, mesmo os mais inseridos no mercado, não têm sua dinâmica regida somente pela maximização dos lucros, existem outras dinâmicas que os diferenciam de uma empresa. A propriedade da terra e o trabalho são os principais elementos dessa diferenciação (LAMARCHE, 1998), e destes desdobram-se outros.

A partir dessa diferença ocupacional, surgem outras diferenças entre os dois espaços: o trabalhador rural possui uma relação, um conhecimento maior da natureza, um saber fazer - principalmente os agricultores menos mecanizados e com média mecanização - enquanto o trabalhador urbano convive num ambiente mais artificial e realiza atividades mais padronizadas (SOROKIN; ZIMMERMAN; GALPIN, 1986).

O número de indivíduos com que os agricultores interagem é menor, porque eles estabelecem relações mais locais, o trabalho é um aspecto que restringe a quantidade de contatos porque os agricultores trabalham, geralmente, com a sua família e, quando

saem do núcleo familiar, os contatos são os mesmos, ou seja, com pessoas com laços familiares, com os comerciantes de produtos agrícolas, das lojas, com os agentes dos bancos que costumam frequentar. No entanto a durabilidade e a solidez das relações sociais no rural parecem ser maiores.

Para que se reconheçam as diferenças entre os espaços urbano e rural e, ao mesmo tempo, não se tenha uma análise dicotômica, e também haja sentido na utilização dessas expressões, para Alentajano (2000, p. 104), um ponto base para definir a natureza do rural são “[...] as dimensões econômica, social e espacial da relação dos atores sociais com a terra.”

Alentajano (2000) também questiona a visão de questões como a restrição de relações pessoais, o isolamento que ainda se tem do espaço rural, apontando que “[...] meios de comunicação integram as áreas rurais à mesma dinâmica informacional e cultural das cidades” (p. 104). E que, nas áreas urbanas, também existem grupos que vivem isolados em condomínios; e faz críticas às análises na utilização de estratégias, como a pluriatividade, ou seja, buscar a renda fora do estabelecimento para viabilizar o estabelecimento. É preciso fortalecer e explorar meios do espaço rural para a viabilização dos sujeitos. Entende-se que é necessário considerar as particularidades, nesta pesquisa, percebe-se que, principalmente nos assentamentos rurais, poucos têm acesso aos meios de informação e serviços como os habitantes do espaço urbano. E a pluriatividade é uma opção que vem aumentando entre os agricultores como possibilidade de contornar as incertezas da produção agrícola, pois não existe planejamento a longo prazo para a utilização daquela.

A pluriatividade é uma estratégia utilizada por uma quantidade significativa de agricultores; segundo nossa pesquisa, 32% de todos os estabelecimentos (das 12 comunidades rurais estudadas), cujos membros foram entrevistados, possuem algum familiar que trabalha fora dele. O termo pluriatividade começa a ser empregado, a partir de meados dos anos 1980, para analisar um fenômeno semelhante ao da agricultura em tempo parcial. Essa mudança foi necessária devido a algumas transformações como a intensificação do êxodo rural e a degradação ambiental provocada pela adoção dos modelos intensivos na produção agrícola. Desde então a pluriatividade passa a ser reconhecida como um elemento próprio da agricultura contemporânea.

A análise das “Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios” (PNAD’s) [...] demonstrou que a mecanização da produção agrícola

diminuiu a sua capacidade de absorver a mão de obra, ao mesmo tempo, as atividades não agrícolas ganham importância no espaço rural, com isso ocorre uma redução no êxodo rural (ANJOS, 2001, p. 1).

Os camponeses, historicamente, sempre exerceram várias atividades; com o processo de modernização da agricultura e o ajustamento do seu tempo, iniciou-se a especialização produtiva (ANJOS, 2001). Quando certa família não possui quantidade de terra suficiente ou quando sobra força de trabalho para um sistema de produção, para que a mão de obra não fique ociosa e para incrementar a renda e equilibrar a relação trabalho-consumo, buscam-se outras atividades, agrícolas ou não agrícolas fora do estabelecimento.

Entende-se que existem continuidades e rupturas, pois, os camponeses, historicamente, foram polivalentes, exerciam mais do que uma atividade, ou seja, plantavam diferentes culturas que eram a base da sua alimentação e comercializavam o excedente. Realizavam trabalhos de mecânicos, veterinários, serralheiros, carpinteiros etc. habilidades aprendidas devido às necessidades do trabalho e à falta de melhores condições financeiras. Para não haver mão de obra ociosa, na relação trabalho-consumo familiar e também para conseguirem um acréscimo na renda, realizavam trabalhos acessórios ou trabalhos em tempo parcial.

Considerando os elementos históricos, pode-se afirmar que a pluriatividade é:

[...] um fenômeno através do qual membros das famílias que habitam no meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou, mais rigorosamente, pelo exercício de atividades não-agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. (SCHNEIDER, 2003, p. 24).

Pluriatividade é uma das estratégias de sobrevivência e reprodução na agricultura familiar que estabelece uma relação com o capitalismo mantendo a família, ainda, certa autonomia. As estratégias da família definem a sua continuidade social, cultural e econômica ou a sua desintegração porque a organização familiar é baseada no trabalho e nas estratégias adotadas pelos seus membros, estratégias adotadas conforme as necessidades (SCHNEIDER, 2003).

Todos os entrevistados que praticam a pluriatividade afirmaram que o trabalho “fora” do estabelecimento rural não tem como objetivo contribuir unicamente para o fortalecimento das produções agropecuárias, mas visa à sobrevivência da família. A

continuação no espaço rural é pelo menor custo de vida, pois não há gastos com aluguel, água e com alguns alimentos que são produzidos no estabelecimento. Porém, mesmo assim, nota-se que a ocupação nas atividades agropecuárias e a renda proporcionada por elas ainda é mais significativa, exceto em dois dos estabelecimentos onde a renda da pluriatividade é fundamental: um do grupo com média mecanização e outro do grupo menos mecanizado.

Segundo esta pesquisa, todos os trabalhadores pluriativos têm um trabalho regular, isso não quer dizer que eles continuarão na atividade para sempre. A continuidade ou não da pluriatividade vai depender da comparação entre a renda e a possibilidade de aumentá-la com a produção agropecuária. Nesse balanço, entram outros aspectos como as despesas com o transporte, a penosidade do trabalho agropecuário, a adaptação a uma rotina de trabalho com horários mais regulares.

Os pluriativos entrevistados que têm curso superior cogitam a possibilidade de morar no espaço urbano para evitar o desgaste de ir e voltar todos os dias. Os agricultores, hoje, são menos polivalentes do que no passado, pois a produção para o consumo diminuiu e o seu ritmo de tempo passou a ser parcialmente controlado com a gradativa especialização da produção, porém, as atividades que eles realizam fora do estabelecimento são mais “estranhas” ao espaço rural do que as atividades realizadas em períodos anteriores.

Em Marmeleiro, entre os entrevistados, todas as pessoas que exercem atividade fora do estabelecimento passam a trabalhar pouco nas atividades agropecuárias, exercem mais o trabalho de organização e gerência (pagamentos de contas, compra de insumos, documentação para os financiamentos). A renda do trabalho realizado fora do estabelecimento não é toda dividida no núcleo da família, o trabalhador pluriativo passa a contribuir nas contas básicas da casa, tais como pagamento da luz e da alimentação. E 17% dos pluriativos entrevistados não contribuem, todavia continua morando em casa justamente por não precisar pagar estas contas. Então, o trabalho fora do estabelecimento gera várias situações na organização familiar. O trabalho pluriativo pode trazer um ônus para a família se o trabalhador continuar morando no estabelecimento e não contribuir com o pagamento das despesas. Numa das famílias estudadas, o filho trabalha na cidade, mas não contribui no pagamento das despesas da família, pois está pagando prestações de um financiamento da compra de automóvel que utiliza para se deslocar até a cidade e

também um cursinho. No caso dos pluriativos que contribuem no pagamento das despesas familiares, eles ainda são uma força de trabalho auxiliar em momentos em que o ritmo da produção é mais rápido e intenso, pois podem trabalhar nos finais de semana e feriados, e no período do horário de verão após o horário comercial, principalmente na produção do fumo e do leite, conforme identificado nos trabalhos de campo.

Na Tabela 01, apresenta-se o número de pluriativos no Sudoeste do Paraná e em Marmeleiro em 2006.

Tabela 01 – Trabalhadores familiares com atividades econômicas fora do estabelecimento agropecuário.

Tipo de trabalho	Sudoeste	Marmeleiro
Atividade econômica fora do estabelecimento rural	8.979	298
Agropecuária	2.647	134
Não agropecuária	6.128	156
Agropecuária e não agropecuária	204	8
Total	44.479	1.404

Fonte: Censo Agropecuário – IBGE, (2006). Organização: BRAGA, L. C. (2020).¹

No Sudoeste, 20,1% dos estabelecimentos rurais tinha alguém trabalhando fora dele em 2006. O percentual de Marmeleiro é semelhante, 20,3%. Em Marmeleiro, 44,9% dos pluriativos trabalham em atividades agropecuárias; 2,6% em atividades agropecuárias e não agropecuárias e o restante em atividades não agropecuárias. Isso reforça a importância da produção agropecuária do município, pois, mesmo quando saem do estabelecimento para trabalhar, quase 50% trabalham em atividades agropecuárias.

Na Tabela 02, apresenta-se o número de pessoas que trabalham em atividades fora do estabelecimento agrícola, de aposentados e o número de pessoas que saíram do estabelecimento (2014-2015), por grupo entrevistado. Percebe-se que a maioria das pessoas sai para realizar trabalho braçal ou com pouca qualificação profissional. Trabalhadores com nível superior são poucos: uma enfermeira, uma pedagoga e uma administradora no grupo 1; uma pedagoga e uma nutricionista no grupo 2; uma professora no grupo 3; as pessoas que possuem nível superior são do sexo feminino. Há 70 agricultores pluriativos, destes, 18% trabalham em atividades agrícolas.

¹ Não foi possível atualizar esta variável, pois a mesma não consta no censo agropecuário de 2017.

É importante considerar que, em três estabelecimentos do grupo com média mecanização, o casal trabalha fora e, em dois estabelecimentos do grupo menos mecanizado, 2 pessoas trabalham fora de cada estabelecimento, somando um total de 65 estabelecimentos com agricultores pluriativos, ou seja, 32% dos estabelecimentos entrevistados possuem pluriatividade.

Tabela 02 – Número de pluriativos, de aposentados e pessoas que migraram para o espaço urbano nos últimos 12 meses, por grupo pesquisado.

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
Total de pluriativos	14	25	33	72
Atividades agrícolas	02	03	07	12
Aposentados	28	40	39	107
Número de pessoas que migraram para o urbano nos últimos 12 meses	13	3	4	20

Fonte: Pesquisa de campo (2014-2015). Organização: BRAGA, L. C. (2020).

Entre as profissões que não exigem curso superior, no grupo 3, destacam-se os trabalhadores pluriativos em madeiras, 6 pessoas, e também diaristas domésticas, auxiliar de pedreiro e diaristas em atividades agrícolas, estas profissões apresentaram mais do que dois trabalhadores. No grupo 2, evidenciam-se 18 trabalhadores que são da Linha Itaíba; destes, 5 trabalham num restaurante, 1 no STR, 1 na COOPAFI, 1 pedagoga, e o restante são profissões diversas, segurança, auxiliar de pedreiro e mecânica de automóveis. Os demais pluriativos estão nas outras comunidades, dividem-se em auxiliar de pedreiro, empregadas domésticas e funcionários em empresas que prestam serviços de segurança. No grupo 2, é preciso destacar que a Linha Itaíba destoa das outras comunidades, com um número maior de trabalhadores pluriativos; isso ocorre porque essa comunidade fica a três quilômetros da cidade, ou seja, está muito próxima, fato que facilita os deslocamentos diários. E também porque a comunidade foi construída próxima à rodovia, onde há um posto de combustíveis, com restaurante anexo, assim, dos 18 trabalhadores, 7 trabalham nesse local. Para os outros 11 que trabalham na cidade, o deslocamento é rápido. Então, para este grupo a distância do centro urbano é um fator importante, pois 72% dos pluriativos residem na Linha Itaíba. Os demais estão nas comunidades de São Luiz, Manduri e São Mateus, em todas há uma distância superior a 15 quilômetros, com uma parte das estradas vicinais mal

conservadas. Na Linha Itaíba, 3 funcionárias do restaurante trabalham também na produção de leite nos estabelecimentos rurais, pois a ordenha é realizada antes e depois do horário comercial, e antes de trabalhar no restaurante trabalhavam na produção do fumo. Segundo elas, a opção pelo restaurante é pela penosidade do trabalho do fumo:

[...] o fumo numa safra boa, dá até mais do que nós tiramos aqui, porque eu comecei faz dois meses, ganho pouca coisa mais que um salário [...] só que o fumo é muito sofrido, ter que trabalhar no sol, a gente tá sempre 'suja' e cansada na colheita [...] aqui a gente tem que seguir ordens e tal, mas é um pouco mais confortável, na sombra [...]
(AGRICULTOR, ENTREVISTA, 2014).

No grupo 3, as pessoas trabalham fora mais pela necessidade da renda ou porque a principal atividade é o leite, atividade que não exige dedicação em tempo integral; a produção de grãos é realizada através da contratação de trabalho mecanizado ou pelo arrendamento. Todas as comunidades desse grupo estão a uma distância acima de 15 quilômetros, a conservação das estradas vicinais dessas comunidades é a pior entre os grupos – conforme observa-se na Foto 31 - e só tem uma pessoa com ensino superior. Nesse grupo, pelos motivos citados, destaca-se o trabalho em atividades não agrícolas no próprio espaço rural, como no corte de árvores para as madeireiras, no caso, Madeireira Pinhomar e Ana Madeiras.

No grupo 1, o KM 18, o KM 15 e a Linha Gruta estão a uma distância acima de 15 quilômetros, já a Linha Pocinho está a 1 quilometro da cidade, mesmo assim só 35,7% dos pluriativos são da Linha Pocinho. Neste último grupo, portanto, a distância não é um fator determinante, pois os pluriativos estão distribuídos entre as comunidades estudadas.

Em relação ao número de pessoas que saíram do estabelecimento rural nos últimos 12 meses para morar no espaço urbano, ele é mais representativo no grupo 1: dos 13 que migraram, 7 foram para estudar (cursinhos e cursos superiores), os demais para trabalhar. Entre os agricultores do grupo 2, 1 saiu para cursar faculdade e os demais para trabalhar de caixa de supermercado e numa loja agropecuária. No grupo 3, todos foram para trabalhar. Dos que saíram para estudar, somente 1 foi morar no espaço urbano do município de Marmeleiro, os demais foram para Francisco Beltrão e Pato Branco, onde estão localizadas 7 universidades públicas e privadas. Em relação aos que

saíram para trabalhar, alguns foram para outros estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, outros ficaram no espaço urbano do município.

Na tabela 03, apresenta-se a renda (média) agrícola e aposentadoria das famílias estudadas pluriativas. Percebe-se que o grupo 1 tem a renda média mais alta, depois o 2 e, por fim, o 3; o grupo 1 não tem nenhum aposentado entre os pluriativos; o 2 menos da metade do grupo 3, este possui uma renda média por estabelecimento significativamente menor, embora tenha mais aposentados.

Tabela 03– Média da renda agrícola e da aposentadoria do número pessoas, do número de aposentados nos estabelecimentos pluriativos e da renda obtida com a pluriatividade por grupo estudado.

Grupos	Renda (média) agrícola e aposentadoria (R\$)	Média de pessoas por estabelecimento (R\$)	Aposentados em estabelecimentos pluriativos	Média da renda dos pluriativos (R\$)
Grupo 1	6.418,00	3,8	0	1.950,00
Grupo 2	4.945,00	3,7	06	1.450,00
Grupo 3	1.621,00	4,1	14	1.200,00

Fonte: Pesquisa de campo (2015). Organização: BRAGA, L. C. (2020).

A renda pelo trabalho fora do estabelecimento é maior no grupo 1, pelo fato de ter mais pessoas com nível superior, e também, mesmo existindo mão de obra ociosa devido ao maior nível de mecanização, o indivíduo desse grupo - como a renda agrícola é maior - tem a possibilidade de esperar e escolher um trabalho com um salário maior. Já no grupo 3, a renda da pluriatividade é importante, pois algumas famílias possuem renda menor do que um salário mínimo. Então, os trabalhadores das madeireiras, as diaristas, recebem salários que variam de um salário que varia de R\$ 750,00 a R\$ 1.000,00; o que faz com que a renda desse grupo seja um pouco maior é que trabalham na construção civil e recebem salários entre R\$ 1.300,00 a 1.800,00. Precisa-se considerar que essa renda é aproximada, pois quem trabalha, por exemplo, no corte de árvores, em períodos de chuva, as contratações diminuem, ocorrendo descontos. Também, na construção civil quando termina uma obra, às vezes, passam alguns dias para começar outra. As diaristas que não têm trabalho regular também têm oscilações no salário mensal.

AS TEMPORALIDADES URBANAS INFLUENCIANDO NO ÊXODO RURAL

No município de Marmeleiro, o êxodo rural é maior entre os jovens em busca de alternativas. Dos entrevistados que possuem filhos jovens, 22% afirmaram que pretendem continuar no campo; 10% ainda não sabem. E, 68% dos jovens já estão ou pretendem ir para a cidade; 55% dos casais pretendem, mais tarde, quando se aposentarem, ir para a cidade, para ficarem próximos do “recurso”, 10% ainda não sabem e os demais pretendem continuar no rural (Quadro 01).

Em relação aos filhos que querem migrar para a cidade, os pais de alguns não concordam com a saída destes, mas entendem a sua iniciativa: “[...] claro que a gente queria que algum filho ficasse em casa, por perto, mas tem que deixar ir se é a vontade, porque eles querem ganha mais [...] e aqui não roça nós não podemos garantir nada” (AGRICULTOR DO GRUPO 3, ENTREVISTA, 2014).

Quadro 01– Justificativas mais significativas quando perguntamos se a família pretende ir para a cidade.

1 filho pretende continuar, a filha mora na cidade. A família pretende continuar até pagar os financiamentos.
Os filhos são novos, mas pelos pais vão para a cidade. Porque a renda é baixa.
9 filhos, 1 só no campo. Pretendem mudar para a cidade, muito longe.
Um filho pretende continuar trabalhando, pois, já temos certa idade e ele assumiu a lavoura, os outros dois saíram cedo de casa, não se interessavam pela agricultura.
Os filhos não pretendem continuar, mas o casal não pensa em ir para a cidade.
O tempo está muito corrido, nem a calma que o campo tinha uma vez não tem mais agora.
5 filhos estão na cidade, ficar mais uns 3 anos depois ir para a cidade. Falta mão-de-obra.
3 filhos não pretendem continuar na agricultura. Por enquanto, o casal continua no campo, mais tarde pretendem ir para a cidade.
4 filhos não pensam em ir para a cidade – estes moram num acampamento.
2 filhos moram no rural mas trabalham na cidade.
Temos um filho, queremos que ele continue aqui com a gente, mas não sei como vai ser, moramos perto da cidade e geralmente os mais novos vão arrumar trabalho lá.
2 filhos trabalham como diaristas, mas vão tarde morar na cidade. Quanto mais o tempo passa, mais difícil de arrumar emprego na cidade.
2 filhos, eles vão sair, o casal pensa em ir para a cidade.
O filho saiu de casa com 14 anos. Não tínhamos dinheiro para dar as coisas que ele queria e que os amigos da cidade tem.
Não pensa em ir para a cidade, “foi criada no mato”, já apareceu negócio bom para a terra e não vendeu.

Fonte: Trabalho de campo, (2014). Organização: BRAGA, L. C. (2020).

Os agricultores entendem que o trabalho está mais leve e o tempo mais corrido e a renda melhorou, se comparada com alguns anos atrás. Os produtores de leite apontam que a renda melhorou: o leite apresenta a possibilidade de uma renda mensal. Porém, isso não significa que a renda é suficiente para as pretensões dos jovens. Um dos motivos da mudança para a cidade é a busca de melhores condições financeiras, sair das incertezas que fazem parte da produção agrícola e ter uma maior interatividade, ou porque discordo do modo como a renda e o estabelecimento são administrados.

Esta última situação, citada no parágrafo anterior foi percebida em campo, nos estabelecimentos do grupo com média mecanização, com renda significativa e, mesmo assim, os filhos não ficam no espaço rural. Há um estabelecimento com um aviário que produz aves para corte, que gera uma renda líquida de R\$ 11.000,00 mensais, além da produção de leite, através do modo confinado que, segundo o produtor, gera uma renda líquida média de R\$ 7.000,00 mensais, além da produção de grãos, que o produtor não soube informar. O estabelecimento, que fica no grupo com média mecanização, é composto por 4 pessoas, o casal e dois filhos. O filho mais velho continua trabalhando com os pais, o mais novo saiu para trabalhar de operador de máquinas para outro produtor e recebe um salário mensal de R\$ 2.000,00. Considerando os dados do produtor sobre a renda, o valor médio por pessoa da família é de aproximadamente R\$ 3.750,00. Neste caso, o motivo do êxodo é a administração do estabelecimento, o pai é quem decide o destino da renda, e o filho se sentia muito isolado no espaço rural, pois as horas de lazer eram definidas conforme a necessidade de trabalhar no aviário e na ordenha das vacas. Então a renda não é o único fator que influencia no êxodo das pessoas do campo, o caso citado é um conflito de gerações e a busca por uma interatividade maior; ou seja, o filho saiu em busca da sua autonomia, mesmo recebendo menos e tendo que cumprir funções determinadas pelo patrão.

Eles vislumbram no aumento da renda a possibilidade de ter elementos e uma interação social que é mais difícil no espaço rural.

Isso, obviamente, não quer dizer que os camponeses fossem desprovidos de sentimento de aquisição ou indiferentes às inovações. Simplesmente, viviam no ritmo do trabalho concreto. Entretanto, com o avanço das forças produtivas e conseqüente massificação do trabalho, o campesinato é colocado contra o muro: ou adapta sua

maneira de vida ao jogo de forças do mercado, ou mantém-se em letargia, sem poder ascender (ANTONELLO, 2001, p. 32).

No grupo 3, 85% dos agricultores querem permanecer, não pretendem ir para a cidade mais tarde. O alto percentual destinado a ficar no espaço rural, manifestado pelo grupo dos agricultores menos mecanizados, pode estar ligado ao fato de que são acampados e assentados e passaram por um processo desgastante para conseguir a posse da terra, então o valor da conquista está muito presente. As condições de vida da maioria destas pessoas eram precárias, relatam que já moraram embaixo da ponte, em favelas, então, a possibilidade da posse da terra trouxe certa segurança, de possuir no mínimo um lugar para habitar e poder produzir o básico para o consumo familiar.

Mesmo com produções incipientes e condições de vida não muito favoráveis, a possibilidade da posse da terra representa uma estabilidade devido às condições anteriores dessas pessoas. Na foto 01, mostra-se uma produção de milho num acampamento e, na Foto 02², uma agricultora acampada que mora sozinha e está há 14 anos no acampamento São Francisco, devendo ser proximamente efetivado como assentamento. Os filhos foram para a cidade devido a estagnação econômica. Segundo a agricultora, pela primeira vez ela tem segurança em relação à moradia e à possibilidade de produzir uma parte dos alimentos, já que ela produz legumes, verduras e cria alguns animais.

² Esta agricultura está no acampamento há 14 anos, por este motivo, a residência não apresenta um caráter provisório, já possui certa estrutura. Mas como a posse, para ela, ainda não foi oficializada, ainda existem pendências judiciais, essa comunidade é tratada como acampamento.

Foto 01 – Plantação de milho para o consumo, no grupo 3.



Fonte: Arquivo do autor – Trabalho de campo (2014).

Foto 02 – Agricultora de um acampamento, pertencente ao grupo 3.



Fonte: Arquivo do autor – Trabalho de campo, (2014).

Ao mesmo tempo, existem agricultores que querem continuar no rural, mas não em atividades agropecuárias e nem em atividades típicas do espaço urbano: pretendem

explorar atividades de lazer no campo. Foram encontrados 2 agricultores do grupo com média mecanização que querem explorar a pesca como atividade de lazer, através da construção de pesque-pague. Percebe-se um conflito entre as diferentes gerações, no caso de um dos entrevistados, o pai não é a favor da construção do pesque-pague, mas como ele quer a permanência do filho no estabelecimento, acaba cedendo: “[...] eu não sou a favor de fazer o açude aí, porque não sei se dá dinheiro, e depois vai vir gente estranha nos domingos, vai acabar com o sossego, mas ele quer, e se conseguir recurso vou deixar fazer, porque é um jeito dele se ocupar e ficar por casa [...] e a gente precisa de alguém em casa” (AGRICULTOR DO GRUPO 1, ENTREVISTA, 2014).

No entanto, de modo geral, a dificuldade de sucessão familiar vem aumentando; os que ainda permanecem, que são os mais jovens, têm a intenção de migrar para o urbano; os que permanecem em definitivo é porque conseguem uma boa renda, que não teriam no espaço urbano, não possuem um grau alto de instrução, ou estão morando no rural mas não realizam atividades agrícolas. Então, pode-se dizer que há jovens que seguem a profissão dos pais, até pela questão da terra: quando ela não é vendida, é partilhada ou algum filho continua no estabelecimento praticando a agricultura. Uma tentativa de manter os filhos no estabelecimento é inseri-los cada vez mais na administração do estabelecimento, fazendo com que ele administre a renda.

As estratégias variam, mesmo num município das dimensões de Marmeleiro. Cada grupo social possui uma especificidade na utilização da pluriatividade. É necessário aproveitar as potencialidades do rural assim como a importância de produção agropecuária: as medidas compensatórias ou o direcionamento para as explorações das atividades não agrícolas não são únicas para sua sobrevivência. Entende-se que os agricultores precisam de espaços de diálogos para construção das suas políticas.

O rural é um lugar de diversidade, de heterogeneidade, porém, diante da sociedade que está aí, os elementos específicos que podem ser aproveitados não são considerados importantes; o urbano está no centro, nele são criados os atrativos mercantis. Em Marmeleiro, onde a produção agropecuária é significativa assim como o número de agricultores, o espaço urbano tem sua dinâmica influenciada pelo espaço rural. Todavia como os investimentos no rural são direcionados para a produção agropecuária, essa influência é predominantemente econômica. Já outros elementos citados como saúde, educação, lazer, alimentação etc., a influência/importância é muito

maior do urbano sobre o rural. Com exceção de uma escola com nível fundamental e médio no que diz respeito à educação, um posto de saúde e alguns pesque-pagues, nos demais houve um processo de concentração das escolas e das unidades de saúde no espaço urbano. Em relação ao lazer, no espaço rural do município, resume-se ao futebol, com partidas amistosas entre as comunidades nos finais de semana - prática que vem diminuindo devido ao êxodo dos jovens - e a jogos de bocha, cartas e o consumo de bebida alcoólica nos centros comunitários, atividades realizadas pelos adultos homens; o espaço de lazer das mulheres ainda é mais restrito, as mais jovens praticam futsal nas comunidades onde há ginásio de esportes, pois onde moram os agricultores menos mecanizados não encontramos nenhum ginásio. As mulheres adultas estabelecem relações de sociabilidade nos atos religiosos e em visitas aos familiares. São realizadas festas³ nas comunidades, mas estas não são para a diversão dos integrantes das comunidades, pois estes precisam trabalhar na organização do evento. A internet está cada vez mais presente no rural, mas o pensamento de que, através da rede virtual, o agricultor vê o mundo e passa a ser globalizado não é suficiente.

A INTENSIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES COM O ESPAÇO URBANO PROVOCADAS PELAS TEMPORALIDADES DAS PRODUÇÕES AGROPECUÁRIAS

O rural tornou-se mais dependente do urbano. Dos entrevistados, 84% declaram que as idas à cidade para resolver questões da produção agropecuária aumentaram significativamente nos últimos 10 anos. O número de idas para a cidade diverge dependendo do grupo de que o agricultor faz parte. Enquanto entre os mais mecanizados há produtores que, dependendo do período do ano, vão até 5 vezes por semana, no grupo dos menos mecanizados, há agricultores que vão 1 vez por mês. Entre os entrevistados, constatou-se que a média de idas para a cidade é de 2,5 vezes por semana e geralmente é o pai, ou um filho com a maior idade; os filhos mais jovens vão para a escola e, na maioria dos casos, é a mulher que fica mais presa ao núcleo familiar, estabelecendo menos contatos sociais. Existem agricultores do grupo com média

³ As festas tradicionais são organizadas da seguinte forma: uma missa no período da manhã, ao meio dia, almoço com churrasco e, durante a tarde, uma matine para as pessoas dançarem; durante a matine são realizados bingos e sorteios de prêmios. A renda é para a manutenção da instituição que organizou, que pode ser a igreja, o clube (ginásio de esportes ou pavilhão) ou o clube de mães. Estas são as instituições encontradas na pesquisa de campo.

mecanização que estão mais próximo da cidade, mas estão mais afastados dela em relação a itens que podem proporcionar melhor qualidade de vida, se comparado a agricultores do grupo mais mecanizado, pois estes têm melhores condições econômicas, o que possibilita a utilização dos serviços urbanos, sem depender exclusivamente dos serviços públicos.

As produções apresentadas são responsáveis pela intensificação das relações entre os dois espaços, os agentes financeiros, os comerciantes dos produtos agropecuários e dos insumos químicos localizam-se no espaço urbano. No caso dos produtores entrevistados na produção do fumo, já constatado em Braga (2010), no município de Marmeleiro, produzem integrados a empresa Souza Cruz; esta, através da sua territorialidade, representada pelas suas matrizes, filiais e pelos fumicultores integrados, promove redes de circulação de insumos químicos, matéria-prima e de créditos bancários, estabelecendo redes de circulação entre o rural e o urbano. Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz, no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, são municípios que possuem filiais de grandes transnacionais ligadas à produção fumageira, sendo Santa Cruz do Sul apontada como a capital latino-americana da produção de fumo.

A produção de aves, como já foi apresentado, tem um aspecto diferencial que é o ajustamento maior da rotina diária de trabalho dos agricultores. Então, além da relação urbano-rural dar-se através da circulação dos elementos da produção, o ajustamento do trabalho gera maior racionalidade do tempo, característica do espaço urbano. Com isso, questões características dos trabalhadores urbanos passam a ser encontradas no rural. Segundo depoimentos dos agricultores, há 3 casos de lesões musculares por esforços repetitivos, comprovados clinicamente, em pessoas da família ligadas à produção de aves.

Na produção do leite, ocorre a circulação de matéria-prima, capitais e fluxo de pessoas entre o rural e o urbano, porém, na produção do leite, a territorialidade das empresas é ligada a um contexto mais regional. Uma quantidade significativa da produção é comprada por indústrias de derivados, do próprio município e de municípios vizinhos, e outras instituições como a Latco, a cooperativa ALFA, as indústrias de queijo, Primo Queijo e Vêneto.

A produção de grãos, principalmente soja e milho, são as principais produções do grupo dos agricultores mais mecanizados. Tais produções geram a relação entre o rural e o urbano porque são estes agricultores que utilizam a mecanização mais intensa no município. Compram os insumos e vendem os seus produtos nos espaços urbanos. E por terem melhores condições financeiras consomem mais produtos dos centros urbanos.

É também na cidade de Marmeleiro que estão presentes as sedes de órgãos públicos como a Prefeitura Municipal: segundo informações dos agricultores, o principal motivo da ida à prefeitura é para renovação do bloco de produtor (média de três vezes ao ano por agricultor); para a retirada do boleto de pagamento do Imposto Territorial Rural (ITR) (uma vez ao ano) e para pedir máquinas para algum trabalho no estabelecimento e para arrumar as estradas vicinais. Também no urbano, estão presentes as sedes das entidades de classe que representam os agricultores, como o STR; o número de visitas a ele varia muito de um agricultor para outro. São questões de ordem burocrática, como documentos para a realização de financiamentos.

Os mercados de produtos alimentícios e a CRESOL são os mais frequentados no espaço urbano de Marmeleiro pelos agricultores entrevistados. O número de idas a CRESOL justifica-se pela quantidade de associados e também porque a maioria deles realiza financiamentos, principalmente o PRONAF. Então, as visitas são por motivos burocráticos, para a atualização da documentação e movimentação da conta. Um fator importante para a intensificação dessas relações foi o desenvolvimento dos transportes automobilísticos e das novas tecnologias de comunicação, as quais contribuem para romper as dificuldades de mobilidade dos pedestres, tanto nos espaços rurais como nos urbanos.

Como se percebe, as produções agropecuárias promovem uma gama de relações diretas dos agricultores com a sede urbana do município, e também relações com outros centros urbanos, que são mediadas pelas instituições de produções agropecuárias com as quais eles comercializam suas produções. Essas relações não são diretas, mas exercem grande influência nas temporalidades dos agricultores.

Outro fator importante do fluxo de agricultores para o espaço urbano é o poder de consumo dos agricultores. Quando eles conseguem uma renda maior, vão mais às cidades para comprar produtos industrializados, participar de eventos, festas etc.,

quando a sua renda é muito baixa, até mesmo os gastos com os transportes são controlados. Como se nota no depoimento de um agricultor, quando perguntado sobre frequência de idas para o urbano:

Quando dá uma safra boa e a gente tem dinheiro, nós vamos mais para a cidade porque tem dinheiro pra gastar (risos), é verdade a gente não se importa de ir mais vezes, de ficar para almoçar. Agora, quanto o ano não é bom, ou tem outros gastos, quando menos ir é melhor, a gente deixa de compra mais produtos do mercado, passa a comer mais as coisas de casa mesmo (AGRICULTOR DO GRUPO 2, ENTREVISTA, 2014).

De modo geral, o destino do fluxo de pessoas do rural para o urbano tem um caráter funcional, pois vão para comprar os itens necessários para a produção, comprar alimentos que não produzem, por questões de saúde. São casos esporádicos de agricultores que vão para o lazer e passeio.

A “URBANIZAÇÃO” DO ESPAÇO PERIURBANO

Além das relações de produção entre os dois espaços, a extensão territorial do espaço urbano ampliou a área de transição entre o rural e o urbano, tornando mais difícil a definição. O avanço do espaço urbano gera relações mais diretas e perceptíveis entre estes dois espaços como nos seus limites oficiais, gera espaços que são localizados nas proximidades das cidades, mas ainda não foram incorporados pelo urbano, por isso não pode ser chamado de urbano. Nestes espaços há uma diversidade de relações, produção agrícola e a expansão dos loteamentos reorganiza o espaço rural.

No município de Marmeleiro, forma-se um eixo de expansão urbana recente que transformou áreas que eram rurais em perímetro urbano. Tal eixo iniciou-se com a construção de um posto de combustíveis e uma cerealista a, aproximadamente, 3 quilômetros da cidade, em seguida foram loteados terrenos que ligam o espaço urbano ao posto de combustíveis e a cerealista (Fotos 03, 04, 05).

Em entrevista realizada com o proprietário de um dos estabelecimentos agropecuários mais próximos às duas atividades comerciais, ele relatou que, anteriormente, o preço do alqueire, isto é, 24.200 metros quadrados ou 2,4 hectares, do seu estabelecimento agropecuário variava entre R\$ 45.000,00 e R\$ 60.000,00 e não

havia muitos interessados. Após as construções mencionadas ele passou a receber propostas acima de R\$ 100.000,00 reais por áreas entre 5 a 7 mil metros quadrados.

Segundo o agricultor entrevistado, ele não quer vender a terra em pedaços, se for pra vender, precisa ser toda a área, e o mesmo tem receio de não se habituar com a vida urbana. Nesse ponto, percebe-se a preferência pela expansão urbana em detrimento do rural, pois, mesmo o produtor querendo permanecer no rural, ele pode ser obrigado a migrar devido à pressão da expansão urbana. Não se discute a possibilidade do agricultor permanecer no rural, o que se considera é que o valor pago – que está muito acima do valor pago pela mesma área destinada à produção agropecuária - compensa essa saída “forçada”. Os outros proprietários próximos também passaram a receber sondagens.

Foto 03 – Cerealista construída no espaço rural de Marmeleiro.



Fonte: Arquivo do autor – Trabalho de campo (2014).

Foto 04 – Posto de combustível construído no espaço rural em Marmeireiro.



Fonte: Arquivo do autor – Trabalho de campo (2014).

Foto 05 – Terraplenagem para a construção de loteamentos.



Fonte: Arquivo do autor – Trabalho de campo (2014).

A expansão é entendida pelos agricultores como algo que irá provocar benefícios, pela valorização dos estabelecimentos e pela proximidade da cidade,

permitindo que os filhos permaneçam no estabelecimento tendo a possibilidade de trabalhar no urbano. Gradualmente, a expansão urbana está incorporando mais estabelecimentos rurais: o território é transformado por agentes sociais, sobretudo, econômicos.

A expansão das temporalidades urbanas no espaço rural tem um caráter material, por meio da expansão dos loteamentos, da compra de máquinas, dos elementos da produção agropecuária; e também imaterial, através das influências externas, das relações sociais, do surgimento de outras necessidades, na modificação do ritmo de tempo dos agricultores. Porém, na realidade vivida, esses aspectos imateriais e materiais sobrepõem-se; às vezes, é o desejo por uma interação maior que leva os agricultores a buscarem a pluriatividade; em outros casos, é a inserção no mercado e a *modernização* que mudam os desejos, as necessidades dos agricultores.

Os agricultores têm os seus costumes modificados na medida em que se inserem no mercado e aumentam o seu contato com o espaço urbano. Portanto, como se nota, quanto maior o grau de integração e mecanização, maior desvirtuamento do seu modo de vida. Outros elementos que não estão ligados diretamente à modernização também influenciam na mudança da cultura dos agricultores, como o conteúdo da mídia. Dos entrevistados, todos têm rádio e apenas 2 não possuem televisão. A televisão é um instigador do consumo. Analisando os dados de todo o município (Tabela 04) distingue-se a presença desses elementos. Televisão e rádio são os mais comuns. Outros elementos estão aumentando, principalmente computador e internet: no trabalho de campo foram encontrados 105 estabelecimentos com acesso à internet, considerando o acesso via celular. Destaque para as antenas parabólicas que estão presentes em 62% dos estabelecimentos.

Tabela 04: Principais bens duráveis no município de Marmeleiro.

Existência de alguns bens duráveis	Número de estabelecimentos
AUTOMÓVEL PARA USO PARTICULAR	2.379

GELADEIRA	4.205
MÁQUINA DE LAVAR ROUPA	1.120
MICROCOMPUTADOR	1.385
MOTOCICLETA PARA USO PARTICULAR	980
RÁDIO	4.127
TELEFONE CELULAR	3.523
TELEFONE FIXO	1.002
TELEVISÃO	4.166

Fonte: Fonte: Censo Agropecuário – IBGE (2017). Organização: BRAGA, L. C. (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário considerar que é preciso viabilizar possibilidades que fortaleçam a produção agrícola assim como a disponibilização de áreas para produzir e viver através de alguma política de reforma agrária, não tornando o espaço rural apenas uma extensão do urbano é importante fazer com que uma quantidade maior de agricultores permaneça no espaço rural trabalhando com atividades agrícolas. Porém, é preciso considerar que existem agricultores que não querem permanecer no espaço rural, principalmente os jovens, ou até gostariam, mas devido a outros elementos, como a busca por melhor qualificação profissional e instrução, são impelidos a migrarem para os centros urbanos. Outros, quando é possível habitam o espaço rural, por questões como maior tranquilidade, laços de amizade e parentesco, menor custo de vida; trabalham nos centros urbanos e residem no espaço rural, ou investem em atividades não agrícolas no espaço rural, como o turismo.

Assim, o que parece mais palpável, em médio prazo, para melhorar as condições de vida no rural é ter pessoas que pensem e viabilizem as políticas públicas, que não seja somente para a produção agropecuária. Ao menos institucionalmente, a estrutura do PRONAF e as outras linhas, com uma abordagem territorial, podem

facilitar ações para o rural que possam ter um enfoque voltado para as diferenças e peculiaridades regionais, buscando racionalizar todos os elementos do território e maior integração dos beneficiados que podem auxiliar no direcionamento das políticas. Em Marmeleiro, não existe integração entre os beneficiados; os grupos são formados por necessidades burocráticas para conseguirem o crédito, geralmente o critério utilizado pelos agricultores para a formação destes grupos são os laços de parentesco, assim, a possibilidade de conflitos é menor. E as principais linhas de créditos acessadas, são para o custeio das produções de commodities, não para produções alternativas, que possam valorizar o espaço rural, empregando mais pessoas, como a produção orgânica, agroecológica, turismo rural, etc.

Isso demonstra algumas dificuldades nas relações urbano-rurais para viabilizar a comercialização da pequena produção mercantil, familiar. Em Marmeleiro, não há um espaço institucional com uma participação ativa dos sujeitos para debater e concretizar projetos alternativos de desenvolvimento rural.

Como já dito, a abordagem territorial é importante na análise do rural, pois ela não se limita à produção agropecuária, ela considera todos os elementos que fazem parte do rural, que influenciam os aspectos políticos, culturais e ambientais historicamente produzidos e característicos de um território. Por possuir características particulares, não é possível pensar em políticas generalizadoras, é preciso pensar a gestão de cada de território de modo individualizado e com a participação dos sujeitos.

Em relação às opções para a permanência das pessoas no espaço rural, entende-se que não há uma oposição entre explorar as potencialidades de desenvolvimento do rural, e por outro lado a possibilidade da pluriatividade, dependendo do espaço e do tempo, uma pode ter mais importância maior que a outra, mas ambas não são excludentes estão presentes no mesmo espaço.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. **O que há de novo no rural brasileiro?** Terra Livre São Paulo. n.15 2000.

ANJOS, F. S. **Pluriatividade e ruralidade:** enigmas e falsos dilemas. Estudos Sociedade e Agricultura, 17, outubro 2001: 54-80. Disponível em: C:\Users\Luiz Carlos\AppData\Local\Temp\Flavio-Sacco-dos-Anjos-Pluriatividade-e-ruralidade-enigmas-e-falsos-dilemas.mht. Acesso em: junho/2015.

BRAGA, L. C. **A territorialização da produção leiteira e fumageira na Linha Itaíba, Marmeleiro/PR.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão, PR, 2010.

BRAGA, L.C. As temporalidades que caracterizam a agricultura familiar do município de Marmeleiro (PR). Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente : [s.n.], 2015 269 f. : il.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar:** comparação internacional. Tradução: Frédéric Bazin. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades:** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

_____. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. e SPOSTO, E. (Org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 73-94.

_____. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo, Expressão Popular, 2007.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

SOROKIN, P. A; ZIMMERMAN, C. C; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, J. S. **Introdução crítica à sociologia rural.** Editora Hucitec, São Paulo, 1986.

Nota: Pesquisa de campo, realizada em 2015, com roteiro pré-definido